

# CADERNOS

N.04

## PRÁTICAS ARTÍSTICAS EM CONTEXTO PRISIONAL

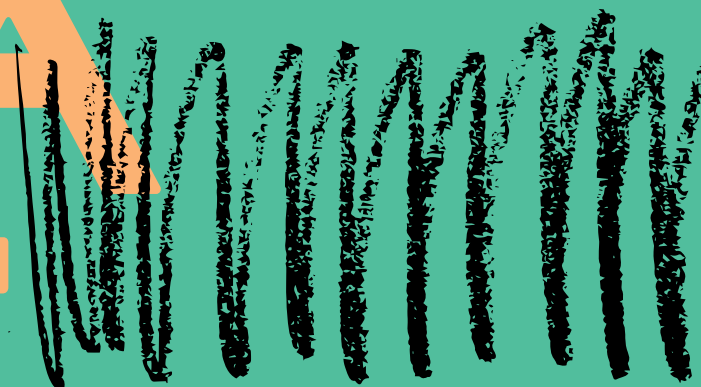


FUNDAÇÃO  
CALOUSTE GULBENKIAN

# E COMU

# NIDAM

# DE



2026

# PRÁTICAS ARTÍSTICAS EM CONTEXTO PRISIONAL





<b>Introdução</b>	04
<b>1 Arte e Liberdade: experiências de práticas artísticas em prisões portuguesas</b> por Sara Belo Luís	06
<b>2 Reflexões do encontro</b> <b><i>Práticas Artísticas em Contexto Prisional</i></b>	12
2.1 Transformação e impactos	12
2.2 Inquietação: problemas e desafios	13
2.3 Sustentabilidade: futuros e caminhos	14
<b>3 Projetos que participaram no encontro</b>	15
<b>4 Entrevista a Catarina Câmara</b> <b>“Temos de mergulhar na violência”</b>	22
<b><u>Anexo</u></b>	29



## Introdução

Porque importam os projetos artísticos realizados com pessoas em regime de privação de liberdade?

Ao longo da última década, a Fundação Gulbenkian tem consolidado o seu trabalho no âmbito das artes participativas e da democracia cultural, apoiando dezenas de iniciativas que demonstram a relevância das práticas artísticas na vida das pessoas e das comunidades em que se inserem. No caso específico do contexto prisional, a evidência acumulada confirma o contributo destas práticas para o desenvolvimento pessoal, o reforço de competências relacionais e a preparação de percursos de reinserção social mais sustentáveis.

É com base nesta evidência que se firma a necessidade de abrir um diálogo sobre a importância de reconhecimento destas práticas como parte integrante dos sistemas de educação, formação e reintegração em meio prisional.

Nos dias 6 e 7 de outubro de 2025, a Fundação Calouste Gulbenkian organizou, em parceria com a Acesso Cultura [\[link\]](#), o encontro *Práticas Artísticas em Contexto Prisional*. Este encontro reuniu artistas, participantes de projetos, profissionais do sistema prisional e organizações parceiras para refletir sobre o papel e o impacto das práticas artísticas em espaços de privação de liberdade. Pretendeu-se promover a partilha de conhecimento acumulado pelos vários agentes que atuam nesta área e incentivar um diálogo informado sobre os possíveis caminhos a seguir.



© Carlos Porfírio



O primeiro dia do encontro foi dedicado ao debate público, com intervenções de artistas, investigadores e representantes institucionais — incluindo contributos de Avelina Macedo, Filipa Francisco, Catarina Claro, Luís Vaz Couto e Francisca Van Dunem — e à partilha de experiências de projetos como Trégua, Ópera na Prisão, República do Vento e RadioAtividade. Este momento integrou também a apresentação do livro *corpoecadeia: dança, prisão e gestalt*, de Catarina Câmara, testemunho significativo do potencial transformador da arte no contexto prisional, que tem por base o projeto homónimo desenvolvido no Estabelecimento Prisional do Linhó.

No segundo dia, realizou-se um conjunto de oficinas dirigidas a artistas que desenvolvem, ou pretendem desenvolver, projetos em estabelecimentos prisionais. O objetivo foi incentivar a troca de metodologias e a constituição de uma comunidade de prática informada, coesa e capaz de contribuir de forma sustentada para a humanização e qualificação do sistema prisional.

Este caderno reúne os principais contributos do encontro, pretendendo servir de referência para profissionais, artistas e organizações que trabalham diariamente na interseção entre arte, justiça e inclusão social. Pretende-se, assim, reforçar a circulação de conhecimentos, promover uma maior articulação entre agentes e afirmar a arte como espaço de encontro, dignidade e transformação — mesmo, ou sobretudo, em contextos onde a liberdade física está limitada.



© Carlos Porfírio



1

## Arte e Liberdade: experiências de práticas artísticas em prisões portuguesas

por Sara Belo Luís

Ela não o disse, mas deu a entender. Era jovem e tinha aquilo a que habitualmente se chama “a mania das grandezas”. Sonhava em ser uma grande escritora, escrever textos eloquentes, ser uma estrela de cinema, ir para Hollywood, receber um Oscar. Hoje, já não ambiciona nada disso, diz que o seu dia a dia é bastante mais “pacato” e, pelo que relata, também se percebe que é feliz – e sobretudo que está contente com o que a vida lhe deu.

A vida, porém, não foi nada mansa com Avelina Macedo. Nasceu na Venezuela, vive na Madeira desde 1997 e, aos 26 anos, entrou grávida no Estabelecimento Prisional do Funchal; o filho mais velho ficou com os avós, cresceu a ouvir os vizinhos e os colegas da escola a “recordarem-no” que os seus pais estavam na prisão. “Vou contar-vos um segredo: qualquer um pode cair, qualquer um de vós pode ir parar a um estabelecimento prisional. O delito pode ser pequeno, mas pode acontecer. Digo isto aos meus filhos”, afirmou Avelina Macedo, na conversa que manteve com a coreógrafa Filipa Francisco, diretora artística da associação Mundo em Rebulição, e que abriu a conferência *Práticas Artísticas em Contexto Prisional*, organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian em parceria com a Acesso Cultura, no Auditório 3 da fundação, em Lisboa, no passado dia 6 de outubro de 2025.

Avelina Macedo fala de forma genuína e, por isso, o seu testemunho é tão forte, tão impressionante. Conta, por exemplo, que passou muitas noites a ler na prisão do Funchal – com humor, diz até que só não completou a terceira leitura integral da *Bíblia* porque, entretanto, felizmente, pode sair em liberdade. Também revela como, durante esses anos em que cumpriu pena, a sua participação num projeto artístico, desenvolvido então pela atriz Paula Erra, a transformou por completo. “Fez-me estar onde estou hoje.” As práticas artísticas permitiram-lhe ter outro contacto com outros reclusos, refere-se ao “toque que dá humanidade”: “Criamos um grupo de oito a dez pessoas e, de repente, estamos a fazer exercícios juntos, desaparece aquele ar carrancudo, criamos afinidade e conversamos sobre os nossos filhos e os nossos sonhos.”



É de sonhos, de mudança e, sobretudo, de transformação interior que se fala constantemente no diálogo entre ambas. “Entrei na prisão com 26 anos e, quando saí, não foi a Avelina que saiu de lá, foi uma Fénix. Foi lá que renasci, foi lá que me conheci”, explica. A coreógrafa, por seu lado, também dá conta de como um projeto – chamado *(R)existir*, que incrementou no Estabelecimento Prisional de Castelo Branco – a mudou “completamente”. Justifica: “Dantes estava no estúdio, a dançar, de janelas fechadas para o mundo. Mas depois desse projeto, percebi que a dança devia estar em sítios onde não estava, a derrubar muros, simbólicos e, se calhar, também muros reais...”

Para Filipa Francisco, é fundamental dar tempo – isto é, continuidade – aos projetos de práticas participativas. “Sempre que há uma rutura, há uma regressão”, nota. O trabalho dos artistas permite não só o autoconhecimento como também o conhecimento do outro, desenvolve valores fundamentais como a tolerância e a confiança. Numa cadeia, trata-se, acrescenta, de um trabalho que marca a diferença por ser “mais flexível”, “menos hierárquico”. “Ajuda-nos”, remata Avelina, “a ver o futuro”.

### **“Uma paz que se ia instalando”**

Antes da conversa de Filipa Francisco e Avelina Macedo, a conferência *Práticas Artísticas em Contexto Prisional* abriu com as palavras de Cristina Casalinho. A administradora da Fundação Calouste Gulbenkian salientou os apoios dados pela fundação a projetos desta natureza, através do programa PARTIS e, desde 2020, PARTIS & Art for a Change, em parceria com a fundação espanhola “la Caixa”. “A arte é um lugar de encontro e de transformação, sobretudo em contexto de privação da liberdade”, sustentou. “As artes participativas promovem o desenvolvimento das capacidades relacionais e permitem um maior sucesso pós-saída do contexto prisional.”

Por seu lado, Rita Pires dos Santos, presidente da Acesso Cultura, chamou a atenção para o lugar dessas práticas “num sistema que tem como objetivo a penalização, mas também a reinserção” e para a necessidade de existirem “alternativas à punição que passam por restaurar a confiança em relação ao outro”. Por fim, também Orlando Carvalho, responsável da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, salientou a importância destes projetos – que, na última década, envolveram cerca de mil participantes em Portugal – permitirem que “as pessoas regressem ao meio livre mais fortes”.

Depois, a manhã haveria de terminar com um painel intitulado *Impactos, Desafios e Potências*, no qual participaram Catarina Claro, mediadora cultural e artística, diretora executiva do projeto Trégua, Luís Vaz Couto, diretor do Estabelecimento Prisional da Guarda, e Francisca Van Dunem, magistrada



do Ministério Público e antiga ministra da Justiça. A moderação ficou a cargo de Vanessa Ribeiro Rodrigues, jornalista e autora do livro *Ala Feminina*.

No debate, Catarina Claro não escondeu que o primeiro desafio do Trégua – um projeto multidisciplinar de artes visuais, a decorrer no Estabelecimento Prisional do Funchal há quatro anos – foi o da “aceitação”. Isto é, sentiram dificuldade em demonstrar que se tratava de um projeto “credível”: “Que não estávamos ali a brincar ‘aos projetos’”. “Houve muita resistência. Muitas vezes, tivemos vontade de desistir”, admite Catarina. Acabaram por perceber que, afinal, a melhor estratégia é a de “cooperar com o sistema”. Luís Vaz Couto nota que, no caso do Estabelecimento Prisional da Guarda, esta questão não se colocou já que foi ele próprio que tomou a iniciativa de ir à procura dos artistas. “Este equilíbrio entre segurança e projetos de reinserção social às vezes é difícil de fazer. Mas tivemos uma conversa franca, dissemos o que podia e o que não podia ser feito.”

“Cumprimos todas as regras. Menos uma: a do contacto físico”, diz Catarina Claro, ainda a propósito do Trégua. Percebe-se porquê, aliás. Na oficina que haveria de organizar no dia seguinte, na Gulbenkian, um dos exercícios funcionava dois a dois: enquanto um dos participantes “desenhava” com os dedos nas costas do seu par (escrevemos “desenhar”, mas também poderíamos ter escrito “massajava” as costas do outro...), o outro tentava reproduzir a intensidade desses movimentos, desenhando efetivamente numa folha de papel. A propósito da questão do “toque”, Luís Vaz Couto também tem algo a acrescentar: “A questão não está no toque nem no abraço. Não vejo que esteja aí o problema da insegurança.”

Nos últimos anos, é a Terceira Pessoa que tem estado na prisão da Guarda. É esta a associação responsável pelo RadioATIVIDADE, um projeto de escrita e interpretação de peças de teatro radiofónicas (noutra oficina, os participantes também puderam experimentar escrever, a várias mãos, um pequeno *sketch*, a partir de textos sobre a ideia – absurda? – de “prisão ideal”). Vaz Couto destaca ainda a necessidade de avaliar o impacto real destes projetos participativos. “Tínhamos uma ideia, não validada do ponto de vista científico, de que contribuíamos muito significativamente para a modificação das pessoas”, argumenta. “É porque pensamos assim que, ao fim de 30 anos, continuamos a apostar fortemente em projetos artísticos – para que, juntamente com outras atividades, como a escola, possam contribuir para desenvolver aquilo que chamamos ‘reinserção social’”. Mais à frente, o diretor ainda há de dizer: “O processo é o mais importante. Porque é no processo que se faz a aprendizagem, a modificação.” Catarina Claro fala dos pequenos-grandes efeitos que foram sentindo, ao fim de alguns meses de prática artística no Funchal: a primeira mudança de que se aperceberam diz respeito ao “autocuidado, dos cuidados de higiene à diminuição da medicação”.



Notaram ainda “uma leveza nos locais por onde o grupo ia circulando”, “no ambiente”, “uma paz que se ia instalando”. Não esquece, inclusivamente, um dos depoimentos deixado por um dos participantes num documentário que, entretanto, realizaram: “Quando estou no Trégua, a minha cabeça expande a mil à hora.”

### **Em defesa de um modelo sustentável**

Catarina Claro também reconhece a importância de estudar estes projetos, embora diga que tem “muitas imagens e muitas experiências” que lhe permitem aferir, “ainda que empiricamente”, as suas consequências no “ecossistema” prisional: “Até no corpo de guardas prisionais, o que significa muito para nós. Aquelas pessoas já estão envolvidas no processo connosco.”

Pela natureza das funções que desempenhou, Francisca Van Dunem teve outro tipo de contacto com práticas artísticas em contexto prisional. Diz que não viu “transformar”, embora se tenha apercebido do “potencial transformador”. Como ministra da Justiça, testemunhou a “alegria” com que alguns reclusos participaram em espetáculos, inclusive fora da prisão. E também sentiu o momento da angústia no regresso aos muros do estabelecimento prisional, depois das palmas e do reconhecimento público. A magistrada põe o dedo na ferida ao chamar para o debate o problema do “subfinanciamento do sistema prisional”: “O sistema não se sustenta com o modelo que temos atualmente. Vive muito da boa-vontade e da generosidade institucional de um conjunto de organizações que se aproximam.”

Fala-se de meios financeiros, e Luís Vaz Couto concorda. “O maior desafio é desenvolver estes projetos de forma sustentável. Temos um futuro, queremos esse futuro e não queremos quebrá-lo”, defende o diretor do Estabelecimento Prisional da Guarda. Além das condições financeiras, também é preciso olhar para as condições organizacionais e até para as condições materiais dentro das cadeias. É preciso não esquecer: as práticas artísticas são práticas do século XXI, mas estão a ser implementadas num sistema prisional criado na primeira metade do século XX e, em alguns casos, do século XIX. “É preciso que o sistema esteja aberto para acolher essas práticas, é preciso que, em primeiro lugar, o sistema se disponibilize a falar com as pessoas”, alerta Van Dunem. Além disso, também é necessário ter presente o tempo que estamos a viver, dominado por um pensamento orientado por “uma lógica de risco” e no qual se acentua a prisão como “lugar de castigo”. Francisca Van Dunem é clara: “O problema vai agravar-se. Infelizmente, já não estamos a viver um tempo em que a nossa preocupação se prende com levar todas as pessoas a ter vidas decentes e dignas, independentemente da sua condição temporária ou definitiva. Caminhamos para um mundo



em que as pessoas se preocupam sobretudo com elas próprias: uns estão no centro e outros vivem à margem e aí devem continuar.”

Instada pela moderadora a sugerir uma mudança no *statu quo* das políticas públicas, a antiga governante disse-se convencida de que a reforma de 2012, que integrou a segurança e a reinserção social sob a mesma direção-geral, “acabou por debilitar” a componente da reinserção. Por isso, na opinião de Francisca Van Dunem, “é preciso reabilitar a componente da reinserção”. “Num ambiente em que os meios financeiros são escassos, há sempre a tendência para orientar esses recursos para as áreas mais críticas do ponto de vista político e comunicacional, digamos”, justifica. Uma hipótese, diz, seria criar um instituto autónomo que pudesse ajudar a identificar as parcerias artísticas mais adequadas.

Como em matéria de práticas artísticas em contexto prisional o caminho também se faz caminhando, o programa da tarde do dia 6 de outubro incluiu dois painéis de partilha de vários projetos. No primeiro, moderado pelo sociólogo Ricardo Loureiro, participaram Maria João Mota (PELE), Paulo Lameiro (Ópera na Prisão), Pedro Gil (República do Vento) e Óscar Silva (RadioATIVIDADE). As intervenções permitiram conhecer um pouco melhor cada um dos projetos e também as principais reflexões dos artistas. Sobre as tensões interiores inerentes às próprias práticas artísticas, Óscar partilhou uma importante aprendizagem: “Não somos juízes. Estando num estabelecimento prisional, aprendemos que esse trabalho já foi feito. As pessoas já foram julgadas, não me cabe a mim estar a julgar em micro audiências que fazemos quase sem dar por isso”.

Ao longo da conversa, os testemunhos oscilaram entre as conquistas que vai sendo possível fazer (no caso, as de Paulo Lameiro e as de Óscar Silva), as hesitações de quem ainda sente que está a começar (Pedro Gil) e as muitas dúvidas de quem, depois de 18 anos a trabalhar em prisões, resolveu não continuar. “Sou um poço de inquietações”, desabafou Maria João Mota. A diretora artística da PELE salientou a disponibilidade que os reclusos demonstram para as práticas artísticas, mas também se interrogou sobre aquilo a que chama “a responsabilidade dos espaços que abrimos”: “É muito fácil termos projetos artísticos que vão incendiar. Depois, as pessoas que lá vivem vão lidar com aquilo que nós ativamos. E a força coletiva dentro de uma prisão pode ser vista como algo de muito ameaçador”.

O segundo painel, com moderação da gestora cultural Mónica Guerreiro, concentrou-se no projeto corpoemcadeia, desenvolvido no Estabelecimento Prisional do Linho pela Companhia Olga Roriz desde 2019 e registado em livro, num volume publicado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Contou com Catarina Câmara (bailarina, coreógrafa e coordenadora do projeto



de dança que integra os princípios da psicoterapia Gestalt), Joana Pedra (técnica de reeducação no Estabelecimento Prisional do Linhó), Susana Paiva (coordenadora da equipa fotográfica) e Jackson Teixeira (participante do projeto). Tal como Maria João Mota, Catarina Câmara não esconde o desassossego que, muitas vezes, a invade. “Muitas vezes não sabemos o que vai acontecer e, ainda assim, fazemos”, diz.

Quando, no dia seguinte, a bailarina organizou uma oficina de dança para se perceber um pouco do trabalho desenvolvido no corpoemcadeia, ainda ressoavam as palavras proferidas na véspera por Jackson Teixeira: “Se hoje sei quem sou é por causa deste projeto. Trabalho com jovens de 16 anos e tento fazer por eles aquilo que eu não tive a oportunidade que fizessem por mim.” Haverá muito por fazer, haverá muitos aspetos do “sistema” que não estão bem e, claro, nem sempre tudo corre bem. Um pequeno passo pode ser começar por pensar em todas as Avelinas Macedos e em todos os Jacksons Teixeiras. Os seus exemplos valem a pena – podem e devem ser contados a sete ventos.

---

Sara Belo Luís é jornalista. Integrou, desde 1998, a redação da Visão, revista da qual foi subdiretora entre 2018 e 2025.



## 2

# Reflexões do encontro

## *Práticas Artísticas em Contexto Prisional*

As reflexões e partilhas realizadas ao longo dos dois dias do encontro resultaram num conjunto de contributos, aqui esquematizados em três eixos que sintetizam o potencial transformador da arte, os desafios da sua implementação e os caminhos para a sua sustentabilidade.

### 2.1

#### **Transformação: potencial e impactos**

- a) Do ponto de vista individual, as práticas artísticas em contextos prisionais têm um potencial transformador. Podem contribuir não só para o autoconhecimento dos participantes, como para reforçar valores como os da tolerância e da confiança (num duplo sentido, em si próprio e nos outros).
- b) As instituições reconhecem que – em contextos que, pela sua própria natureza, são dominados pelo rigor, pela hierarquia e pela autoridade – estes projetos têm um papel humanizador. A arte fomenta a capacidade de sonhar e de construir perspectivas de futuro. Inclusive na criação de pequenos momentos mais flexíveis, menos rígidos e menos tensos, no dia a dia.
- c) Os artistas afirmam que eles próprios e as suas práticas criativas são também transformados com estes projetos. Descrevem sentir-se “uma pessoa antes e outra depois” desta experiência, salientando que essa transformação influencia o seu trabalho fora do contexto prisional.
- d) Se, por um lado, é relativamente consensual reconhecer o potencial das práticas artísticas, por outro, recomenda-se prudência quando se trata de avaliar quantitativamente os seus impactos em matéria de reinserção social. Vários projetos estabelecem parcerias com universidades para medir o impacto no desenvolvimento e capacitação pessoal dos participantes apenas no período de implementação do projeto. Assinala-se, no entanto, a dificuldade em definir métricas para medir o papel dos projetos artísticos na reinserção social e mitigação da reincidência criminal. O valor destas práticas reside, sobretudo, no processo e nas aprendizagens que dele emergem.



2.2

### **Inquietação: problemas e desafios**

*a)* O equilíbrio entre projetos artísticos e segurança – que importa respeitar de forma inequívoca – é delicado, mas não apresenta desafios incontornáveis. Tanto do lado dos estabelecimentos prisionais como do lado dos artistas, existe uma consciência clara da necessidade de esclarecer e respeitar regras, assim como de definir de forma explícita áreas de intervenção de cada uma das partes.

*b)* Alguns artistas referem que, numa primeira fase, sentiram muitas dificuldades em entrar nas dinâmicas, naturalmente inexoráveis, das prisões e, de certa maneira, até em demonstrar a credibilidade do seu trabalho. A cooperação com o sistema é assinalada como uma estratégia necessária. Surgem tensões inerentes às próprias práticas artísticas, nomeadamente no que diz respeito às consequências que estes projetos possam trazer para a dinâmica quotidiana nas prisões.

*c)* Os artistas revelam, ainda, hesitações e ambiguidades, absolutamente compreensíveis dada a singularidade destas iniciativas. Destacam-se a volatilidade, a incerteza e a precariedade como fatores de grande exigência e, conseqüentemente, de desgaste das equipas que coordenam estes projetos.

*d)* Os participantes consideram que os projetos artísticos exigem disponibilidade e abertura para expor a vulnerabilidade da pessoa. Essa exposição – entendida não como fragilidade, mas como condição essencial para a transformação – implica proximidade, a disposição para ser visto pelo outro e, muitas vezes, o contacto físico (o “toque que dá humanidade”). Estes fatores contrastam com as dinâmicas de distanciamento e controlo do quotidiano prisional, mas é neste processo que os participantes encontram ferramentas para fortalecer a relação consigo próprios e com os outros.

*e)* Importa referir os entraves criados pela falta de guardas prisionais e pela ocorrência regular de greves por parte deste grupo de profissionais, que dificultam e, por vezes, impedem a implementação destes projetos.



2.3

**Sustentabilidade: futuros e caminhos**

- a) A continuidade dos projetos desenvolvidos é uma condição essencial para que o potencial do seu contributo no trabalho de humanização do sistema prisional possa realmente cumprir-se.
- b) Devem ser tidas em conta as condições em que os projetos decorrem no interior dos estabelecimentos prisionais (que datam do início do século XX e algumas até do século XIX). De salientar, especialmente, a estrutura organizacional do sistema prisional, a falta de espaços adequados e a coordenação de horários entre as várias atividades na prisão.
- c) É importante considerar estes projetos como estratégicos para o trabalho de reinserção social das pessoas temporariamente privadas de liberdade, atribuindo-lhes um papel mais estrutural. Não os incluir na categoria alargada das “atividades socioculturais”, mas antes equipará-los a atividades “educativas” e/ou de “formação”.
- d) Será uma mais-valia o investimento na sensibilização e formação das equipas dos estabelecimentos prisionais – como guardas, psicólogos, técnicos de reinserção, professores, etc. É necessário compreender melhor estes projetos e a integração dos seus contributos nos planos de formação e reinserção de cada indivíduo.
- e) A continuidade e sustentabilidade das práticas artísticas em contexto prisional são indissociáveis do problema do subfinanciamento do sistema prisional. Iniciativas como a PARTIS & Art for Change (implementada pela Fundação Calouste Gulbenkian em parceria com a fundação espanhola “La Caixa”) são consideradas fundamentais.
- f) Em matéria de políticas públicas, a reabilitação da componente de reinserção social destaca-se como necessária para garantir a ação sustentada dos projetos artísticos em meio prisional.
- g) Não é possível falar de práticas artísticas em contextos prisionais sem enquadrar o debate no atual contexto, no tempo que estamos a viver. Trata-se de uma espécie de contraciclo, no qual todas as questões relacionadas com a segurança são, do ponto de vista político-mediático, particularmente sensíveis. Há uma visão cada vez mais securitária e menos humanista do cumprimento de pena. Como consequência, perante uma escassez generalizada dos meios financeiros para o sistema prisional, esses recursos acabam por ser dirigidos para outras áreas mais críticas, o que contribui para debilitar a componente de reinserção social.



### 3

## Projetos que participaram no encontro



© Susana Paiva

### **Corpoemcadeia**

Estabelecimento Prisional do Linhó

Corpoemcadeia é um projeto artístico promovido pela Companhia Olga Roriz e mais recentemente pela Creative Connection, em parceria com a Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais e o Instituto Gestalt de Florença.

Com coordenação de Catarina Câmara, o projeto combina a prática da dança contemporânea com a abordagem da psicoterapia Gestalt, criando um espaço de experimentação e reflexão sobre existência e identidade. Desse diálogo, surge um campo de transformação pessoal e coletiva.

O projeto é apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian desde 2019 e conta também com o apoio da Direção-Geral das Artes. Atua, desde esse ano, no Estabelecimento Prisional do Linhó e, desde 2025, no Centro Educativo Padre António Oliveira em Caxias, estando atualmente em processo de implementação nos estabelecimentos prisionais de Faro e Alcoentre.



## **Ecoar e Laboratório de Arte e Cidadania** [↗](#)

Estabelecimentos Prisionais do Grande Porto

A estrutura artística PELE desenvolve projetos em contexto prisional desde 2009. Inicia a sua prática neste contexto com “Entrado”, um projeto de teatro realizado no Estabelecimento Prisional do Porto, seguindo-se “Inesquecível Emília” realizado no EP Santa Cruz do Bispo, desta feita com mulheres em privação de liberdade. Na sequência deste trabalho continuado, em 2016 promove o ECOAR nos estabelecimentos prisionais do Grande Porto, envolvendo mais de 160 jovens em diferentes propostas de criação artística que serviram de base para um processo de certificação de competências pessoais e sociais. Mais recentemente, entre 2019 e 2021, realizou o projeto Laboratório de Arte e Cidadania com 70 jovens em situação de conflito com a lei, dando continuidade à metodologia aplicada no ECOAR.

ECOAR e Laboratório de Arte e Cidadania contaram com o apoio EEA Grants/ Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação Bissaya Barreto.



© Paulo Pimenta



## Ópera na Prisão [↗](#)

Estabelecimento Prisional de Leiria – Jovens

O projeto Ópera na Prisão é promovido pela SAMP – Sociedade Artística Musical dos Pousos, desde 2014, no Estabelecimento Prisional de Leiria – Jovens (EPL-J). Através da criação e encenação de óperas — inspiradas em obras de Mozart como *Don Giovanni* ou *As Bodas de Fígaro* —, reclusos, músicos, técnicos e famílias são convidados a participar num processo artístico coletivo, que promove a comunicação, a empatia e o crescimento pessoal. Um dos marcos mais significativos do projeto é o Pavilhão Mozart, um espaço construído dentro da prisão e totalmente dedicado e equipado para a criação artística. Neste pavilhão, os reclusos assumem o papel de intérpretes, cenógrafos, figurinistas e produtores, organizando espetáculos abertos à comunidade.

Ópera na Prisão contou com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação "la Caixa".



© Carlos Porfírio



## RadioAtividade [🔗](#)

Estabelecimento Prisional da Guarda

RadioATIVIDADE é um projeto artístico e comunitário que, entre 2022 e 2025, transformou o Estabelecimento Prisional da Guarda num laboratório de criação radiofónica. Promovido pela Terceira Pessoa Associação, em parceria com o Estabelecimento Prisional da Guarda, ao longo de três anos, artistas, homens e mulheres privados de liberdade neste EP cocriaram peças de teatro radiofónico, cruzando escrita, música, performance e gravação em estúdio. Os resultados foram transmitidos internamente, através da Rádio Guarda-me — uma rádio interna criada a pedido dos próprios reclusos e gerida por eles, cujas emissões ecoam nos pátios e corredores da prisão — e também em emissoras nacionais como a Antena 2 e em formato digital. O projeto culminou com o lançamento de uma obra editorial de quatro volumes que reúne todas as peças criadas, depoimentos, resultados da avaliação de impacto, e uma série documental de três vídeos.

RadioATIVIDADE é um projeto que contou com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação "la Caixa" e Direção-Geral das Artes.



© Jorge Carmona



### **República do Vento** [↗](#)

Estabelecimento Prisional do Montijo

República do Vento é um projeto de teatro em contexto prisional, promovido desde junho de 2024 pela companhia de teatro Razões Pessoais, dirigido por Pedro Gil, no Estabelecimento Prisional do Montijo.

É um projeto artístico e social realizado em colaboração com a Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, com o apoio da editora LEYA e financiamento da Direção-Geral das Artes.



© iStock



## Trégua

Estabelecimento Prisional do Funchal

Trégua é um projeto multidisciplinar de arte participativa com foco nas artes visuais, desenvolvido com pessoas em situação de privação de liberdade no Estabelecimento Prisional do Funchal (EP) e estudantes universitários da licenciatura em artes visuais da Universidade da Madeira. Promovido desde 2022 pela Casa Invisível – Associação Cultural, em parceria com a Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais e a Câmara Municipal do Funchal, o projeto conta com três edições de propostas artísticas dirigidas à população do EP. Para além das criações artísticas, o projeto tem gerado um debate importante sobre a visibilidade da experiência vivida dentro da prisão e a transformação social que ocorre muitas vezes num ambiente de invisibilidade.

Trégua é um projeto apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação "la Caixa" e Universidade da Madeira.



© Pedro Sousa



© Pedro Pina

*corpoemcadeia – dança, prisão e gestalt*, da autoria de Catarina Câmara, acompanha o período de 2019 a 2022 do projeto no Estabelecimento Prisional do Linhó. Editado pela Fundação Calouste Gulbenkian, o livro está disponível para compra online ou nas livrarias.



### 3

## Entrevista a Catarina Câmara “Temos de mergulhar na violência”

### O que a motivou a criar o projeto *corpoemcadeia*?

Eu sempre me senti muito intensa e com muitas histórias a cruzarem-se dentro de mim. Portanto, acho que esse é o mote: o que é que faço com a intensidade que há dentro de mim? É uma longa história, mas fiz o curso de Direito e cheguei ao final do curso e disse “não é isto que quero fazer, quero dançar”. E fui para a Escola Superior de Dança.

A dança sempre esteve muito alinhada com aquilo que era a minha forma de sentir. Tinha sempre esta sensação de que quando dançava, dançava a minha experiência, a minha relação com o mundo. E, portanto, havia aqui esta coisa de autoconhecimento, de querer mergulhar dentro de mim. Sinto muito a tensão entre o movimento e a ideia, entre aquilo que dizemos que é o corpo e a mente, a emoção, e preciso de desalinhar para sossegar as minhas vozes. Então, quando comecei a dançar, comecei a sentir o desassossego que se ia transformando, mas com vontade de ter um reportório para aquilo que me acontecia em movimento. Essa dimensão entre a teoria e a prática foi-se tornando cada vez mais evidente, e depois, como bailarina e professora, fui pesquisando abordagens ao movimento que tivessem a ver com a psicologia, filosofia, até que dei com a psicoterapia Gestalt.

### O que lhe trouxe a psicoterapia? E como é que foi parar às prisões?

A psicoterapia Gestalt é uma abordagem mais filosófica que psicológica, que parte do existencialismo, tem muito a ver com o trabalho do corpo e com fazer perguntas através do movimento. O existencialismo põe em cima da mesa uma questão fundamental para mim, que é a liberdade e a responsabilidade. O que é a liberdade? Isto já faz aqui um elo com as cadeias.



## ARTE E COMUNIDADE

Por outro lado, a psicoterapia da Gestalt vai também beber à fenomenologia, que tem a ver com trabalharmos o fenómeno, não interpretar, descrever, estar no “aqui e no agora”, entender o corpo como uma coisa temporal. A existência precede a essência. No fundo, é rasgar estas caixas identitárias e entendermos que a vida é um fluxo e que estamos em perpétuo ajuste criativo, que é a dança. Enquanto estava na companhia Olga Roriz, surgiu a necessidade de fazer o estágio da Gestalt. Interessavam-me muito as questões da violência, porque eu odeio violência, é qualquer coisa que me rasga, e a minha forma de diminuir essa força é trabalhando de perto com ela. Então pensei nas prisões, que são um sítio violento, onde o corpo não se move, onde há muita masculinidade, que é também um tema que me interessa – o diálogo com o feminismo, a necessidade de falar sobre a emancipação do homem a par com a emancipação da mulher; porque violência, patriarcado, criminalidade, fazem parte do mesmo circuito. E, claro, a dança é uma provocação para uma prisão.



© Pedro Pina



**Este livro estava previsto entre os objetos finais do projeto como manual de boas práticas, mas acabou por se transformar num livro com mais de 300 páginas. Como é que isto aconteceu?**

Aconteceu porque eu tenho uma limitação, que é uma grande incapacidade de síntese. Há uma frase muito potente para mim, que diz que “a arte é síntese não violenta do disperso”. É a possibilidade de reduzir algo, mas sem o matar. Porque a arte deixa o espaço aberto para que o interlocutor complete. E nunca vai completar, porque uma obra de arte está sempre incompleta. Mas não deixa de ser um gesto de fechamento. Quando pensei neste produto inicial, este resultado, era o tal manual, mas depois percebi que não dava porque há tanta coisa a falar aqui. Como é que posso fazer um manual de boas práticas que se cinja a um receituário de algo tão vasto como é a Gestalt, a dança, as prisões? Portanto, este livro surge precisamente de um reconhecimento da dignidade da Gestalt, que não poderia passar por uma apresentação de técnicas. E, nesse processo, fui abrindo, abrindo, foram quase quatro anos. Precisava dessa dilatação para ser fiel à Gestalt, à dança, às prisões e àquilo que foi o projeto.

**O livro inclui fotografias de sete fotógrafos. Qual a importância do diálogo do texto com as imagens e com a fotografia?**

Desde o início do projeto que tínhamos uma parceria fantástica, quase em auto-gestão. Relacionava-se conosco, mas organizava-se de forma própria, coordenada pela Susana Paiva, com fotógrafos alinhados com uma visão comum, mas depois cada um com a sua singularidade. Eu gostei muito de não saber o que ia acontecer, de eu própria estar alheada daquele processo. E isso, no livro, transfigura-se da seguinte forma: é que não há uma relação figurativa de mimetização, de explicação, daquilo que é o projeto através das imagens. As imagens têm uma vida própria, falam por si, têm a sua própria lógica. Ou seja, nem o texto instrumentaliza a fotografia, nem a fotografia instrumentaliza o texto. Algo que também acontece dentro do projeto, na lógica da Gestalt e da dança: é um agenciamento, uma colaboração de forças, mas que não se absorve e não se instrumentaliza.

**Depois de tantos anos de experiência, o que leva do trabalho na prisão e do contacto com a violência?**

Talvez uma consciência mais clara, mais profunda, daquilo que é a complexidade humana. E mais dor também. Quando entras profundamente num sítio que é a prisão, é como se fizesses uma espécie de raio-x da sociedade.



Quando mergulhas profundamente na sombra, há qualquer coisa em ti que fica banhada de uma consciência sobre o mundo, sobre o outro, e que é indissociável de uma experiência de dor, de limite, mas traz-te a comunhão. Ou seja, tocas a dor dos outros, partilhas dores, saís da tua bolha, do palco, do estúdio, mergulhas na miséria humana, mas é uma miséria humana partilhada, que é vivida com amor, com entrega, e então é quase como se estivesses num cenário pós-guerra e visses romper uma planta. Eu não sou otimista em relação ao que estamos a viver, não tenho muita fé na humanidade como conceito abstrato e universal. Mas tenho na relação com as pessoas: é uma chama que fica ali a cintilar.



© Pedro Pina

**Daí a necessidade do contacto com a violência, para conseguir desconstruí-la.**

Temos de mergulhar nela. Temos de mergulhar na violência. Mergulhar e lambuzar-nos nela, não no sentido de a replicar, mas de a entender, de dançar com ela. E quando digo violência, é a minha também. Nós somos uma sociedade altamente violenta. Achamos que não porque somos educados, porque comemos com talheres e nos sentamos em cadeiras, mas há um nível de violência sobre os corpos. E ultimamente, cada vez mais, nos canais de televisão, nas redes sociais, estamos expostos a um nível de violência aterrador.



**E nesse contacto acaba por se encontrar alguma esperança?**

Sim, é maravilhoso. Por exemplo, no Corpo de Guardas, que para mim é um corpo muito opressivo e violento, vamos encontrando movimentos, palavras, ações, que desconstroem a violência. O que me interessa é, dentro da violência, o que descentra a violência. O que é que faz agitar qualquer coisa que está imposta de uma certa forma. Quando estou numa prisão e vejo estes gestos, e vejo os risos, as danças, os atos de gentileza, é como se subvertêssemos a violência. Como só dobrar a roupa ao contrário. É uma energia, uma força. E eu acho que a experiência artística ajuda a refinar esse caudal que é pressuroso, que é intenso.

**Uma das frases que mais refere ter ouvido dos participantes é “Estou preso, mas, quando danço, sou, em todos os sentidos, um homem livre”. Que impacto acredita que o projeto teve nos participantes e na comunidade prisional?**

Não tenho dúvidas nenhuma de que a experiência da dança é libertadora – e ao mesmo tempo, responsabiliza-te. A liberdade só existe porque há responsabilidade, não é o contrário. E na dança, sobretudo na que praticamos no corpoemcadeia, que é uma dança de relação, encontramos essa tensão relacional com o outro, que tem a ver com possibilidade e limite. Eles sentem-se livres, não porque podem fazer tudo, mas porque podem fazer escolhas. Escolhas de peso, escolhas de movimento, escolhas de toque, e tu só escolhes porque há um outro. Há uma alteridade. Portanto, quando eles dizem que se sentem livres, estão a dizer que se sentem responsáveis por si e pelo outro.

**Essa responsabilização também me faz pensar na ideia de empoderamento de que falava há pouco, sobre a libertação do homem.**

Completamente. Porque empoderar, para mim, é estar no corpo. *To empower is to embody*. Quando eles estão nesse lugar do corpo, desmontam a lei, a autoridade. A lei não é o código penal, nem a carta dos direitos humanos, nem a constituição; são sistemas autoritários introjetados, que vêm por um lugar que é o inconsciente. Não podemos pensar a liberdade sem pensar o inconsciente. Quando eles dançam, descobrem-se nas relações de cuidado, descobrem-se no movimento redondo, numa horizontalidade, em lógicas de interajuda e não de competitividade. E o que o mandato patriarcal diz é que tens de ser forte, não podes mostrar delicadeza, que é uma coisa sobre a outra, no fundo a lógica da nossa justiça. E não, eu acredito que a justiça é um processo, é uma ética relacional. Portanto, o mandato de masculinidade



desmorona. E porque é que é tão eficaz? Porque ele é descoberto, não é ensinado, não é explicado. Quando descobres uma coisa, já está, não volta atrás. Claro que também elaboramos estas coisas e falamos, mas é nessa relação entre os corpos – e eu tento que haja outros corpos além de masculinos nas sessões – que eles percebem tudo isso.



© Pedro Pina

### Que histórias ou momentos a marcaram mais ao longo desses quatro anos?

Eu gosto sempre daqueles momentos em que se desmontam personagens. Lembro-me que durante a pandemia enviávamos cartas aos rapazes e essas cartas não lhes eram dadas diretamente, mas o diretor lia-as em voz alta. E eram cartas filosóficas, poéticas. Então, de repente, tinhas um diretor de uma cadeia com os reclusos a dizer “meus queridos, abro a janela, veja o sol e penso em liberdade”. E estes cenários improváveis aconteciam aqui e ali. Eu adoro, porque é um desarranjo total. Também tivemos agora um rapaz novo que entrou, que é dos comandos, mal se mexia. Dava para ver a tensão no corpo dele, queria fazer, mas não sabia como. Então eu disse “agora sentas-te e observas”. E ele começou a ver o grupo e entrou, e a cara dele foi relaxando. Gostei tanto de ver esse processo, quando a coragem supera o preconceito sobre si mesmo. E vemos isto sempre a acontecer: a pele a cair – que dói –, e outra pele a nascer.



**Que papel é que fundações como a Gulbenkian podem ter no desenvolvimento e na continuidade destes projetos?**

A Gulbenkian tem sido o pulmão e o coração destes projetos. O que eu desejaria é que existissem mais Gulbenkians para que estes projetos possam florescer. E eu acho que a Gulbenkian não é um *influencer*, não influencia políticas culturais, faz políticas culturais, porque a cultura é política.

A Fundação tem um papel muito importante, porque não só financia, dá recursos financeiros e humanos, mas também cria um espaço de discussão, de formação e de crescimento, de questionamento destas práticas artísticas. Isso é brilhante, é confiar também no nosso papel enquanto criadores destas políticas públicas, que são políticas de justiça social.

**O que espera que este livro deixe para o futuro, nesta área? E como é que este tipo de práticas pode contribuir para o futuro das prisões?**

Eu gostaria muito que o livro, da mesma maneira que dialoga com muitas vozes, pudesse chamar a atenção de muita gente diferente que trabalha nas prisões. Desde os agentes artísticos, sociais, sobretudo pessoas ligadas à Direção-Geral de Reinserção, educadores sociais, enfim, gostaria que tivesse um público diversificado. E gostaria muito que, ao lerem o livro, as pessoas pensassem como é que podem fazer a diferença desde o seu lugar de autenticidade. No fundo, queria trazer aqui um lado mais humano, mais crítico e, sobretudo, defender algo que considero essencial, que é a importância da arte na construção do indivíduo. Eu acredito, sinceramente, que nos transcendemos em três dimensões: a da criação, a do cuidado e a da educação. Andamos muito ocupados a produzir, a fazer o progresso, a tecnologia, mas o que eu gostaria era que repensássemos o nosso paradigma social e colocássemos a produção artística participada como o coração da nossa civilização. E acho que, quando isso acontecer, passarei a ter mais fé na humanidade.

---

Entrevista conduzida por Sara Ramos  
– Serviço de Comunicação da Fundação Calouste Gulbenkian



ARTE E COMUNIDADE

# Anexo



ARTE E COMUNIDADE

# Programa do Encontro

## Práticas Artísticas em Contexto Prisional

[Veja o vídeo da conferência](#)

Em parceria com [Acesso Cultura](#)

---

06 out 2025 / Conferência

10:00 Abertura

**Cristina Casalinho**

Administradora da Fundação Calouste Gulbenkian

**Rita Pires dos Santos**

Presidente da Acesso Cultura

**Orlando Carvalho**

Diretor-geral de Reinserção e Serviços Prisionais

Impactos, desafios e potências

10:20 Conversa

**Avelina Macedo**

Agente cultural, ex-participante de projeto artístico em contexto prisional

**Filipa Francisco**

Coreógrafa, diretora artística da Mundo em Rebolço

11:30 Painel

**Catarina Claro**

Mediadora cultural e artística, diretora executiva do projeto Trégua

**Francisca Van Dunem**

Jurista e ex-ministra da justiça

**Luís Vaz Couto**

Diretor do Estabelecimento Prisional da Guarda

**Moderação**

**Vanessa Ribeiro Rodrigues**

Jornalista

---



## ARTE E COMUNIDADE

### 14:30 Projetos artísticos: aprendizagens e desejos

#### **Maria João Mota**

Diretora artística da PELE

#### **Óscar Silva**

Ator e encenador, codiretor artístico do projeto RadioAtividade

#### **Paulo Lameiro**

Musicólogo e pedagogo, ex-diretor artístico do projeto Ópera na Prisão

#### **Pedro Gil**

Ator e encenador, diretor artístico do projeto República do Vento

#### Moderação

#### **Ricardo Loureiro**

Sociólogo

### 16:30 *corpoemcadeia: práticas além do bem e do mal*

Apresentação da publicação *corpoemcadeia: dança, prisão e gestalt*, da autoria de Catarina Câmara. O livro tem por base a experiência de corpoemcadeia, um projeto artístico que combina a prática da dança com a psicoterapia Gestalt, implementado no Estabelecimento Prisional do Linhó entre 2019 e 2022.

#### **Catarina Câmara**

Coordenadora artística e social

#### **Susana Paiva**

Coordenadora da equipa fotográfica

#### **Joana Pedra**

Técnica Superior de Reeducação no EP Linhó

#### **Participante do projeto**

#### Moderação

#### **Mónica Guerreiro**

Autora e gestora cultural



07 out 2025 / Oficinas

09:30 Receção

09:45 **'Dança & psicoterapia Gestalt': Desobediências Criativas**  
com Catarina Câmara (corpoemcadeia)

A prisão como metáfora do corpo e a experiência do contacto na criação de novos modos de sentir, mover e pensar em relação. Deslocando do centro às extremidades, alargando as fronteiras do "eu", intensificamos as forças poéticas e colaborativas de um corpo coletivo e singular. Esta oficina parte da metodologia de corpoemcadeia, projeto que combina dança e psicoterapia Gestalt.

11:30 **'Desenho Participativo'**  
com Cristiana de Sousa e Catarina Claro (Trégua)

Oficina focada na metodologia desenvolvida pela equipa Trégua, onde serão explorados alguns exercícios desenvolvidos em contexto prisional. Assumindo o desenho como ferramenta participativa, catalisadora de relações humanas e de processos colaborativos, esta prática artística é abordada como forma de expressão de subjetividade e das perceções de si e do mundo envolvente.

11:30 **Ética e Criação de Narrativas**  
com Ana Gil, Nuno Leão e Óscar Silva (RadioAtividade)

Sessão de reflexão e experimentação artística a partir de premissas que inspiraram a criação dos textos de 24 peças de teatro radiofónico desenvolvidas no projeto RadioAtividade, no Estabelecimento Prisional da Guarda, e transmitidas pela Antena 2. Escrita, música, fotografia, poesia, histórias mais ou menos biográficas ou a obra de William Shakespeare nortearam a criação dos textos de Regina Guimarães e Serge Saguenail (2022-2023), Maria Sequeira Mendes (2023-2024) e Miguel-Manso (2024-2025), nos três anos do projeto. Nesta sessão teórico-prática, os coordenadores do projeto partilham alguns dos desafios criativos lançados ao grupo de mulheres e homens em privação de liberdade.

16:15 Balanço e conclusões

17:00 Encerramento



# CADERNOS ARTE E COMUNIDADE

Um dos principais eixos de atuação da Fundação Calouste Gulbenkian centra-se na promoção do acesso à cultura, reconhecendo a importância decisiva da arte no desenvolvimento das pessoas e das sociedades. Nesse sentido, a Fundação tem valorizado de forma continuada o papel das artes enquanto meio privilegiado de estímulo à transformação social, através de processos de cocriação que promovem a participação de todos.

Este percurso ganhou maior expressão em 2013, com a criação da iniciativa PARTIS, focada no apoio a projetos de arte participativa em Portugal. Essa agenda de trabalho foi reforçada em 2020, com o lançamento da PARTIS & Art for Change, em parceria com a Fundação "la Caixa", potenciando o trabalho que ambas as fundações desenvolvem no apoio a projetos artísticos com impacto social.

De igual modo, a Fundação Calouste Gulbenkian tem vindo a apoiar iniciativas que visam concretizar os princípios da democracia cultural, através do apoio a entidades e projetos que fomentam a participação cultural, colocando as comunidades no centro dos processos de decisão.

Este caminho reforça a convicção de que a democratização do acesso e a participação de todos na criação e fruição artística e cultural são fundamentais para a construção de comunidades mais sustentáveis e equitativas.

Os *Cadernos Arte e Comunidade* visam partilhar reflexões e aprendizagens resultantes do trabalho desenvolvido pela Fundação na área de Acesso à Cultura, contribuindo para alargar o horizonte das artes e para renovar a esperança num futuro em comum, onde a participação cultural é um direito exercido por todos.

## **PROGRAMA EQUIDADE E SUSTENTABILIDADE**

**DIRETOR** Luís de Melo Jerónimo

**GESTORES DE PROJETO ACESSO À CULTURA** Hugo de Seabra, Narcisa Costa, Inês Henriques

**DIVULGAÇÃO** Patrícia Fernandes

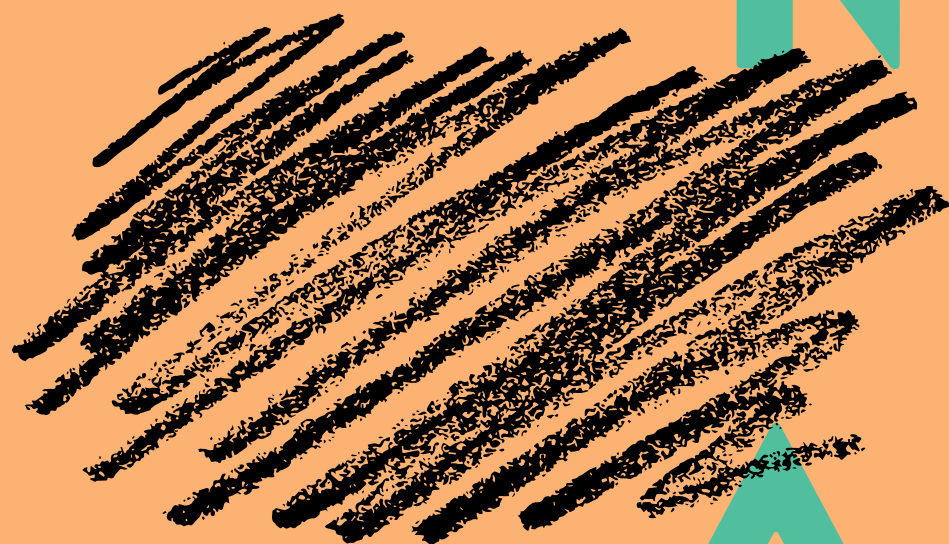
## **CADERNO N. 04 PRÁTICAS ARTÍSTICAS EM CONTEXTO PRISIONAL**

**PRODUÇÃO EDITORIAL** Sara Ramos, Narcisa Costa, Maria Vlachou, Inês Henriques

**CONCEÇÃO GRÁFICA** Andreia Constantino, Ana Lopes

Janeiro 2026

CADER  
NOS



ARTE  
E COMU

NIDA



DE

GULBENKIAN.PT